

Corpos, pinturas e saberes Gavião

Bodies, paintings and knowledge Gavião

Emilene Leite Sousa¹

Karitânia dos Santos Araújo¹

Cleverson Daniel Rodrigues Sena¹

Lucyávila de Carvalho Sousa²

Maycon Henrique Franzoi de Melo²

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/tellus.vi44.717>

Resumo: O artigo apresenta uma abordagem sobre as pinturas corporais dos povos Jê, especificamente dos Gavião Pyhcop Catiji. Partindo de uma etnografia com este povo e de fotos produzidas durante a Ação Saberes Indígenas na Escola/Ministério da Educação (MEC) em 2019, abordamos o esforço dedicado sobre a superfície da pele que visa a humanização do corpo das crianças. Na realização das pinturas corporais, pigmentos e penas de pássaros assumem uma posição decisiva na dinâmica da fabricação da semelhança e da diferença presente no processo do parentesco. Nos rituais e em práticas cotidianas, a sobreposição de pigmentos e penas sobre a superfície da pele das crianças tornas-as, gradativamente, membro social e sujeito pleno nas interações com seres de distintas agencialidades das quais depende o futuro de todo o povo Gavião.

Palavras-chave: pintura corporal; parentesco; criança; Gavião Pyhcop Catiji.

Abstract: The article presents an approach on the body paintings of the Jê peoples, specifically the Gavião Pyhcop Catiji. Starting from an ethnography with this people and from photos produced during the Indigenous Knowledge Action at the School/ Ministry of Education (MEC) in 2019, we address the dedicated effort on the surface of the skin that aims at the humanization of the children's bodies. In the realization of the body paintings, pigments and bird feathers assume a decisive position in the dynamics of the manufacture of similarity and difference present in the process of kinship. In rituals and daily practices, the superimposition of pigments and feathers on the surface of the children's skin gradually turns them into a social member and a full subject in the interactions with beings of distinct agentialities on which the future of the whole Gavião people depends.

Keywords: body painting; kinship; child; Gavião Pyhcop Catiji.

¹ Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Imperatriz, Maranhão, Brasil.

² Universidade Ceuma (UNICEUMA), São Luís, Maranhão, Brasil.

Falantes de uma língua do tronco linguístico Jê, os Gavião Pyhcop Catiji vivem na parte sudoeste do Estado do Maranhão. Atualmente os Gavião habitam treze aldeias, que parecem ser resultado de um intenso processo de cisão ocorrido nos últimos trinta anos. A divisão das aldeias afastou parentes e amigos que hoje se reencontram, principalmente nos momentos ritualísticos que acompanham o movimentado sistema ritual dos Gavião (MELO; SOARES, 2018).

Há um pensamento entre os Gavião, como parece ser para muitos povos amazônicos, de que a realização do ritual é o momento por excelência em que os mitos são vivenciados, performados e atualizados com base nos conhecimentos e tecnologias deixadas pelos demiurgos e pelos primeiros humanos que habitaram a terra. Os mitos narram as origens da vida, a aquisição de tecnologias e conhecimentos que são fundamentais para sua permanência enquanto povo. O ritual é a maneira de manter em movimento esta lógica de apropriação daquilo que é externo e ao mesmo tempo fundamental para a construção daquilo que é interno (MELO, 2017).

A principal referência que temos sobre a relação entre seres diferentes no mundo indígena é a relevância da multiplicidade de relações estabelecidas entre os indígenas, outros seres humanos, animais e seres não-humanos (alma/almas) na fabricação de suas sociedades e seus corpos (VIVEIROS DE CASTRO, 1996). A construção social do corpo, que se opera visivelmente nestes momentos ritualísticos, no contato com animais e espíritos, vai ocorrer pela alimentação, pelos resguardos e pela decoração corporal ao longo da vida do homem e da mulher.

Figura 1 – Pigmentos, penas e objetos adornam o corpo do iniciado



Fonte: Os autores, 2019.

O esforço dedicado sobre a superfície da pele visa a humanização do corpo, sendo a pele o que diferencia e o que aproxima os corpos diferentes em relação, dando dinâmica a fabricação da semelhança e da diferença presente no processo do parentesco (COELHO DE SOUZA, 2002; VILAÇA, 2002). Para os Gavião, a palavra utilizada para pele é *cỳ*, que deriva da palavra *eh'cỳr* (corpo, casca, bainha e pele). A palavra *cỳ* é usada para se referir a diferentes sentidos, como formas de corpo humano e não humano, recipientes, casca de árvore, couro de animais, mas principalmente, traz a ideia de “envoltório” (MELO, 2019).

A pele é, pois, concebida como a “fronteira” do organismo (CARNEIRO DA CUNHA, 1978). A essa mesma conclusão chegou Turner (1980) ao afirmar que a pintura corporal para os Mebêngôkre cria uma segunda pele, um “filtro social”. Entre os Gavião Pyhcop Catiji, a pintura corporal estabelece e controla uma rede de relações que atravessa a aldeia, são pinturas que se referem diretamente as metades cerimoniais, que por sua vez dividem as pessoas das aldeias de acordo com o nome pessoal transmitido no nascimento. No caso dos Gavião as pinturas que levam motivos na vertical estão vinculadas à metade *cyj catiji* (partido de cima/leste) e aquelas que levam motivos na horizontal vinculadas à metade *harỹ catiji* (partido de baixo/oeste) (MELO, 2017).

Figura 2 – Pinturas com motivos na vertical (*cyj catiji*), pinturas com motivos na horizontal (*harỹ catiji*)



Fonte: Os autores, 2019.

Os objetos e as imagens que a ornamentação corporal evoca são pensados como extensão das pessoas e por isso, tem um papel crucial na interação social entre elas e outros “estrangeiros” com os quais se relacionam, principalmente nos rituais (GELL, 1998; LAGROU, 2009; BARCELOS NETO, 2011).

Figura 3 – Menino iniciado no grupo cerimonial *Coohcỳx* (gavião gigante) durante ritual de *Wyty* (hiper irmã)



Fonte: Melo, 2015.

A maior parte das pinturas corporais entre os Gavião é feita à base de urucu (*pyh*) e jenipapo (*pryteh*). Ou a pintura de jenipapo é feita com um pincel, ou é feita diretamente com o algodão, dando forma a traços mais grossos que aqueles do pincel. O urucu é aplicado com as mãos, cuspidando sobre elas ou untando-as com algum óleo. Com o vermelho do urucu as mulheres e os homens preenchem os espaços deixados pelo negro do jenipapo (MELO, 2017).

Figura 4 – Urucu (*pyh*) pronto para uso



Fonte: Os autores, 2019.

A palavra usada para jenipapo é *pyteh*, mas depois de processado e tornando tinta, quando aplicada sobre o corpo, torna-se *eh'huc* (s. seiva, viúvo, viúva, homem ou mulher que já foi casado, ou teve relações sexuais e não está casado\ v. marcar, riscar, escrever). A palavra *eh'huc* é também verbo, com sentido de algo que se registra em uma superfície, criando outra forma e sentido a própria superfície (MELO, 2017).

O jenipapo, justamente por ser utilizado em situações liminares, fronteiriças, atua como barreira e como ponte, não só no sentido de ligar dois lugares, mas no sentido de criar um terceiro lugar. O riscar que encontramos na tradução da palavra *eh'huc* ajuda a pensar essa fabricação do corpo. As linhas dispostas nos braços, nas pernas e principalmente no tronco criarão formas a corpos que passam a estar submetidos a regimes metamórficos (MELO, 2017).

Figura 5 – A pintura de jenipapo (*eh’huc*) evoca a forma de um bico de ave de rapina no menino *Ruruut*



Fonte: Melo, 2017.

O urucu, *pyh*, quando é aplicado na pele depois de processado no fogo e transformado em tinta, recebe o nome de *capric* (v. ser vermelho, avermelhar, pintar de vermelho). Como a palavra *eh’huc* usada para pintura de jenipapo, *capric* tem tanto um sentido de verbo, avermelhar, quanto um sentido relacionado a ser vermelho, onde não se trata de pintar algo de vermelho, mas sim, de algo que é vermelho. A primeira camada de urucu que a criança gavião recebe é por volta de um ou dois anos de idade, especificamente, quando ela começa a andar por conta própria, quando começa a ficar “durinha”. Essa primeira camada de urucu sobre a pele inaugura, digamos assim, a vida social do nominado no contexto das relações que atravessam genitores e nominadores (MELO, 2017).

Figura 6 – O vermelho do urucu (*capric*) é marca de humanidade



Fonte: Os autores, 2019.

Em seus diferentes momentos de uso, que estão além dos momentos ritualísticos, podemos pensar como o vermelho é marca da identificação étnica gavião e sinal de humanidade. Assim, se o preto de jenipapo “risca” o corpo, criando novas formas ao corpo em metamorfose do neófito, o vermelho do urucu insere nesse novo corpo um elemento demasiadamente humano para os Gavião, ou seja, o vermelho torna mais humano esse “novo” corpo que ganha forma com o preto do jenipapo (MELO, 2017).

Figura 7 – O mascote indica que irá assumir o lugar do epônimo naquela posição ritual



Fonte: Os autores, 2019.

As fotografias que trazemos foram selecionadas no universo infantil, revelando a participação e a agência das crianças no ritual além da importância delas como figuras centrais em cada um deles. A presença das crianças nestes rituais revela porque a autonomia, a agência e a participação infantil - temas caros à Antropologia da criança hoje - foram contribuições da etnologia indígena, onde nasceu e se fortaleceu uma antropologia da criança no Brasil.

Figura 8 – Crianças (a'craare) pintadas



Fonte: Os autores, 2019.

A criança indígena foi quem primeiro ensinou as antropólogas através de suas etnografias que elas possuíam autonomia e eram agentes com importantes papéis sociais (COHN, 2000a; 2000b; 2005; TASSINARI, 2007; 2009). Isto porque ao contrário de nossa prática social que exclui as crianças das esferas decisórias, as crianças indígenas são elementos-chave na socialização e na interação de grupos sociais e os adultos reconhecem nelas potencialidades que as permitem ocupar espaços de sujeitos plenos e produtores de sociabilidade. Parte dessa produção de relações encontra nas pinturas corporais uma via privilegiada de realização.

REFERÊNCIAS

BARCELOS NETO, Aristóteles. A serpente do corpo repleto de canções: um tema amazônico sobre a arte do trançado. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 54, n. 2, p. 981-1012, 2011.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *Os mortos e os outros: uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios Krahó*. São Paulo: Hicitec, 1978.

COELHO DE SOUZA, Marcela. *O traço e o círculo o conceito de parentesco entre os jê e seus antropólogos*. 2002. 668 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Rio de Janeiro, RJ, 2002.

COHN, Clarice. Crescendo como um Xikrin: uma análise da infância e do desenvolvimento infantil entre os Kayapó-Xikrin do Bacajá. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 43, n. 2, p. 195-222, 2000a.

COHN, Clarice. *A criança indígena: a concepção Xikrin de infância e aprendizado*. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2000b.

COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. (Coleção Passo a Passo).

GELL, Alfred. *Art and agency: an anthropological theory*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

LAGROU, Els. *Arte indígena no Brasil: agência alteridade e relação*. Belo Horizonte: Arte, 2009.

MELO, Maycon Henrique Franzoi. O caçador xamã: etnoclassificação ambiental e socialidade humano-animal entre caçadores Gavião Pyhcop catiji (Amazônia maranhense). *Revista de Antropologia da UFSCAR*, São Carlos, v. 11, n. 2, p. 226-50, 2019.

MELO, Maycon Henrique Franzoi. *O nome e a pele: nomenclatura e decoração corporal Gavião (Amazônia maranhense)*. 2017. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA, 2017.

MELO, Maycon; SOARES, Lígia. Raquel Rodrigues. Redes de relações timbira: estudo de caso a partir dos etnônimos em uso pelos Ramkokamelra/Canela e os Gavião Pyhcop catiji. *Revista Pós Ciências Sociais*, São Luís, v. 15, n. 29, p. 15-31, 2018.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. *Múltiplas infâncias: o que a criança indígena pode ensinar para quem já foi à escola ou a sociedade contra a escola*. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 33., 26-30 out., 2009, Caxambu. *Anais [...]*. São Paulo: ANPOCS, 2009.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. Concepções indígenas de infância no Brasil. *Revista Tellus*, Campo Grande, ano 7, n. 13, p. 11-25, 2007.

TURNER, Terence S. The social skin. In: CHERFAS, Jeremy; LEWIN, Roger. (Org.). *Not work alone: a cross-cultural view of activities superfluous to survival*. London: Temple Smith, p. 112–40, 1980.

VILAÇA, Aparecida. Making kin out of others in Amazonia. *The Journal of the Royal Anthropological Institute*, London, v. 8, n. 2, p. 347-65, 2002.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *MANA*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 115-44, 1996.

Sobre os autores:

Emilene Leite Sousa: Pós-doutora em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Sociologia pela UFPB. Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Professora Adjunta na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: emilenesousa@yahoo.com.br, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2608-6677>

Karitânia dos Santos Araújo: Pós-graduanda em Educação em Direitos Humanos na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Graduada em História pela Universidade Estadual do Maranhão. Atua como pesquisadora na UFMA. Desempenha função de técnica da Educação Escolar Indígena na Secretaria de Educação do Estado do Maranhão e Supervisora da Ação Saberes Indígenas na Escola. E-mail: karitania25@hotmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4032-2456>

Cleverson Daniel Rodrigues Sena: Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Atualmente é jornalista em Imperatriz, MA. E-mail: imperatrizfotos@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5327-4457>

Lucyávila de Carvalho Sousa: Graduada em Licenciatura em Educação Física. Atualmente é professora em São Luís, MA. E-mail: lucyavila2011@hotmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5007-1366>

Maycon Henrique Franzoi de Melo: Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES). Atua como professor do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente na Universidade CEUMA (UNICEUMA). E-mail: mayconmelodoc@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6802-9630>

Recebido em: 16/07/2020

Aprovado para publicação em: 17/03/2021

